

ARTE NO BRASIL: UMA HISTÓRIA NA PINACOTECA DE SÃO PAULO

PINA_LUZ

Nelson Rodrigues¹

A Pinacoteca de São Paulo, museu da Secretaria da Cultura de São Paulo, localizado na praça da luz, foi fundada pelo Governo do Estado de São Paulo, em 1905. É o mais antigo da cidade e guarda em seu acervo obras produzidas no Brasil do século XIX até os dias de hoje.

O edifício é em estilo neoclássico, com destaque para materiais nobres, formas geométricas e regulares e tem a organização dos espaços internos de uma forma racional e organizada. Foi projetado pelo escritório Ramos de Azevedo, para abrigar o Liceu de Artes e Ofícios, que formava artesãos, e construído entre 1897 e 1900. Entre os objetos produzidos naquela época destaca-se o lustre, atualmente, instalado no belvedere do museu.

No final da década de 1990, a Pinacoteca passou por uma ampla reforma com projeto criado pelo arquiteto Paulo Mendes da Rocha. Esta não foi a primeira reforma, já em novembro de 1905 foram executadas as primeiras obras de adaptação do espaço, ainda sob o plano e direção do arquiteto Ramos de Azevedo, para receber a primeira coleção de quadros pertencentes ao Estado: 20 obras do Museu Paulista da Universidade de São Paulo de importantes artistas da cidade como: Almeida Júnior, Pedro Alexandrino, Antônio Parreiras e Oscar Pereira da Silva, que passaram a constituir o acervo original da Pinacoteca.

O museu ficou fechado por dois anos, na década de 1930. Nessa época, as instalações do edifício sofreram várias alterações, pois tiveram que ser transformadas, transitoriamente, em alojamento militar para os soldados da Revolução Constitucionalista de 1932. Com a chegada de Getúlio Vargas ao poder, a Secretaria de Segurança Pública requisitou o prédio para ali abrigar o Grupo Escolar Prudente de Moraes, que ocupou sua ala direita, dispondo de dezesseis salas e duas galerias. Em 1932, o prédio foi cedido à ocupação do Batalhão Santo Dumont. Durante esse conturbado período, a coleção da Pinacoteca foi distribuída entre diversos órgãos públicos.

¹ Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2003). Pós-graduação "Lato Sensu" em História da Arte pela Fundação Armando Alvares Penteado (1999). Licenciatura Plena em Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo (1977). Atualmente é professor do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, na graduação: cursos de Bacharelado em Design e Artes Visuais e na Pós-Graduação: Especialização em História da Arte: Teoria e Crítica e Direção de Arte em Comunicação.

Entre 1932 e 1947, o acervo da Pinacoteca foi reunido e instalado na antiga sede da Imprensa Oficial do Estado, dividindo o espaço com a Escola de Belas Artes de São Paulo, que conviveu mais tempo com o museu, permanecendo no prédio de 1946 a 1989. A Pinacoteca foi transferida novamente para o edifício destinado ao Liceu e, desde 2006, é administrada pela Associação Arte e Cultura.

A coleção, hoje, com quase 10 mil obras, foi se constituindo ao longo de todos estes anos, com doações de vários artistas e colecionadores e com aquisições do governo do Estado. Parte importante e significativa deste acervo encontra-se exposta na mostra de longa duração: Arte no Brasil: uma história na Pinacoteca de São Paulo, objeto de análise desta resenha.

A Exposição

A Exposição de longa duração: Arte no Brasil: uma história na Pinacoteca de São Paulo, que ocupa todo o segundo andar do museu, é composta por cerca de 500 obras do acervo entre pinturas, esculturas, desenhos, gravuras e fotografias, de artistas fundamentais para a história da arte brasileira como Candido Portinari, Lasar Segall, Debret, Taunay, Almeida Junior, Eliseu Visconti, Pedro Alexandrino, entre outros.

A mostra, em cartaz desde 2011, apresenta um recorte que vai do período colonial ao século XX, com obras produzidas entre o século XVI e meados dos anos 1930. "A exposição apresenta mais de 300 anos de produção artística e cultura visual no país, ao mesmo tempo em que registra movimentos, políticas e iniciativas que construíram a história da Pinacoteca e a presença da arte na cidade de São Paulo" ² Propõe-se, como objetivo principal, apresentar uma leitura da formação da visualidade artística e da constituição de um sistema de arte no Brasil.

Quanto ao modelo expográfico, a proposta abandona o antigo modelo de exposição "belas-artes", que propõe o acúmulo de pinturas nas salas por meio de sua fixação em diferentes alturas. As paredes deveriam estar recobertas por quadros, as pinturas de maior tamanho eram colocadas no topo junto ao teto, devido à facilidade de visualização. Os quadros mais importantes eram centralizados na altura dos olhos e os quadros menores colocados junto ao rodapé para facilitar a proximidade do olhar. A distribuição espacial, geralmente, levava em consideração o estilo ou período histórico.

A montagem da atual exposição expõe as obras tendo uma linha central, numa única altura e com uma preocupação de espaçamento entre elas. Uma expografia mais próxima da hipótese

² MESQUITA, Ivo. Apresentação Arte no Brasil: uma história na Pinacoteca de São Paulo guia de visitação. Pinacoteca do Estado, 2011, p. 9.

do cubo branco. A utilização de mapotecas, em algumas salas, permite a inclusão na mostra de grande número de obras sobre papel (aquarelas, desenhos, gravuras) ampliando a exposição do acervo.

O percurso expositivo

Segundo Ivo Mesquita, curador-chefe da Pinacoteca, o percurso expositivo obedece a uma ordem cronológica e se estende por 11 salas, articuladas a partir de dois eixos temáticos: o primeiro analisa a formação de um imaginário visual sobre o Brasil ao apresentar um conjunto de imagens sobre ele, as relações e os sentidos que estas imagens constroem. Para esta leitura a curadoria toma como ponto de partida as gravuras, desenhos e pinturas dos viajantes estrangeiros dos séculos XVII ao XIX; o segundo eixo descreve o processo de formação de um sistema de arte no país – ensino, produção, mercado, crítica e museus – iniciados com a chegada da Missão Artística Francesa (1816), a criação da Academia Imperial de Belas Artes (1826) e o programa de Pensionato Artístico, que possibilitava o aperfeiçoamento dos artistas locais em Paris e Florença, iniciado com o patrocínio do Imperador, durante o período colonial, e depois assumido como política cultural do estado republicano.

O percurso conta ainda com quatro salas com exposições temporárias e a apresentação de artistas, movimentos, períodos históricos, ou contrapontos contemporâneos, relacionados à exposição *Arte no Brasil: uma história na Pinacoteca de São Paulo*.

O Núcleo de Ação Educativa desenvolveu duas importantes propostas, que transpassam toda a exposição, a primeira insere no próprio espaço expositivo uma seleção de obras diferenciadas, chamada *Arte em Diálogo* e a segunda apresenta uma série de recursos participativos na *Sala de Interpretação*. Acrescente-se, ainda, a reabertura da *Galeria tátil* de esculturas brasileiras destinadas ao público não vidente, para que estes possam de forma autônoma, tocando-as e recebendo informações por meio de etiquetas e textos em dupla leitura (tinta e Braille). O público conta, ainda, com um áudio-guia.

Por último, o Núcleo de Ação Educativa disponibiliza material bibliográfico e documental sobre a história da Pinacoteca de São Paulo e da Arte no Brasil em uma *Sala de Leitura* e apresenta, nos corredores, um conjunto de vitrines, com peças do acervo, onde comenta e pontua a narrativa das salas da exposição.

As salas:

Sala 1 – A tradição colonial

Nesta sala estão expostas obras com temática religiosa: imagens de devoção, objetos de culto, adornos de altares e obras ligadas ao imaginário europeu em relação ao Brasil, além de pinturas do holandês Frans Post, o iniciador da pintura de paisagens na arte brasileira, importante exemplo das primeiras representações do ambiente natural do país, segundo as tradições deste gênero na arte europeia.

Cabe destacar, ainda, as alegorias dos continentes África e América, representações simbólicas da ideia europeia do que eram a América e a África, de um mundo imaginado, que existia na fantasia dos europeus. Ambas são de autores não identificados.

Sala 2 – Os artistas viajantes

Mostra com imagens dos chamados artistas "viajantes", pinturas de paisagem executadas por artistas estrangeiros no século XIX, responsáveis por introduzir na arte brasileira este gênero já consagrado da arte europeia, a exemplo da natureza-morta. O ponto de partida para essas composições eram desenhos e aquarelas esboçadas a partir da observação direta, que serviam também para a produção de gravuras, eventualmente, agrupadas em livros de viagem, com o objetivo de dar ao leitor a sensação de "visitar" uma sucessão de paisagens, tipos humanos e cenas de rua, como se fosse ele mesmo um viajante.

O guia elaborado para acompanhar e orientar a visita à exposição Arte no Brasil: uma história na Pinacoteca de São Paulo destaca, nesta sala, as obras: Vista do Convento de Santa Teresa tomada do alto de Paula Matos (1863) de Henri Nicolas Vinet; Vista do Pão de Açúcar tomada da estrada do Silvestre (1827) de Charles Lansee; Rio de Janeiro (1844) de Alessandro Cicarelli; Paisagem com negros (1845) de Eduard Hildebrandt; Vista de São Luís do Maranhão (1863); Arredores da cidade (1862); Cenas de índios na Floresta Mata-Mata no Moju, Pará (1867); Residência às margens do Rio Anil (1862) de Joseph Léon Righini; Índios da Amazônia adorando o Deus-Sol (1860) de Francois Auguste Biard.

Sala 3 – A criação da Academia

A institucionalização do ensino de Arte no Brasil tem origem na transferência da Família Real portuguesa para o Brasil, em 1808. Esta transferência trouxe mudanças significativas para os costumes da cidade e de seus habitantes. Dentre as mudanças na área cultural destaca-se a criação da Academia Imperial de Belas Artes (1826) e a instauração de um novo sistema artístico, baseado no modelo Francês; a criação do Museu Nacional, da Biblioteca Nacional e do Real Teatro de São João. Também foram implantadas mudanças nas áreas administrativa,

econômica e científica da cidade, transformando a cidade do Rio de Janeiro, capital do Reino, em uma das mais importantes da América Latina.

Nesta sala, a Academia está representada por: Nicolas Antoine Taunay, Zéphérin Ferrez, Manuel de Araujo Porto-Alegre, introdutor da caricatura e da disciplina da História da Arte no Brasil, com o ensaio Memória sobre a antiga Escola de Pintura Fluminense, primeiro texto a tratar da história das belas artes no Brasil.

A ação de Jean-Baptiste Debret, outro importante artista da Missão Artística Francesa e professor da Academia, faz da pintura histórica o gênero mais importante para a construção visual da nação. Com Victor Meirelles e Pedro Américo, este gênero atinge seu ponto culminante, e, com outros artistas, serão os responsáveis pela difusão da arte acadêmica e a instauração de novos padrões de gosto ao ambiente artístico no Brasil. Entre estes artistas a sala mostra obras de Agostinho José da Motta, Victor Meirelles, Pedro Américo, entre outros.

A Pinacoteca destaca: “Estudo para passagem de Humaitá”, de Victor Meirelles; “Retrato de Dom João VI”, de Simplício Rodrigues de Sá; “Retrato de Dom Pedro”, do Duque de Bragança, autor não identificado; “Busto de Dom Pedro II”, de Zepherin Ferrez; “Revista das tropas destinadas a Montevidéu, na Praia Grande”, de Jean Baptiste Debret; “Retrato da Marquesa de Belas”, de Nicolas Antoine Taunay e “Grande cascata da Tijuca”, de Manoel de Araújo Porto-Alegre. Nota-se, portanto, que se destacam os retratos de alguns personagens da história de nosso país.

Sala 4 – A Academia no fim do século

Na busca de assuntos e temas adequados a uma autêntica arte brasileira, a natureza foi tomada como símbolo e marca da originalidade e autenticidade do país. E o indígena, personagem épico e considerado o herói mítico da conquista do território e da formação da nação brasileira, é representado de maneira idealizada, sempre em meio à natureza.

Os irmãos Rodolfo e Henrique Bernardelli, assim como outros professores e alunos da Academia no período entre 1890 e 1915, como Zeferino da Costa, Belmiro de Almeida e Pedro Weingärtner, são os protagonistas desta sala. Em suas obras, evidencia-se a preocupação com a definição de uma identidade nacional nas artes.

Nesse sentido, destaca-se aqui a escultura faceira de Rodolfo Bernardelli. Representada nua, a índia enfeita o colo e o cabelo com colar e penas. A pose e o sorriso dão-lhe uma aparência de inocente sedução. Acrescente-se, ainda, deste mesmo artista, as esculturas: O protomártir Santo Estevão apedrejado pelos judeus nos últimos dias do ano 33; Cabeça de índio e o Tempo de Henrique Bernardelli.

Sala 5 – O ensino acadêmico

Nesta sala, nossa reflexão é direcionada para o sistema de ensino nas academias de belas artes, introduzido, no Brasil, pela Missão Artística Francesa. A grande referência era a arte da Antiguidade greco-romana, onde a representação do corpo humano era o mais importante desafio a ser enfrentado pelos estudantes. Assim, nesta metodologia o estudo da figura humana era um dos pilares na formação do artista, trabalhava-se o aprimoramento da técnica, a capacidade de observação, a encarnação, ou seja, o estudo da cor para representar a pele bem como a musculatura. As poses seguiam padrões tradicionais e regras que deviam ser obrigatoriamente seguidas. Na mapoteca, podemos observar uma variedade das poses, as diferentes texturas da pele e a habilidade dos artistas em representá-las.

A exposição destaca, ainda, outros aspectos da metodologia de ensino: o exercício do desenho, os estudos do corpo humano, as cópias de pinturas dos grandes mestres e a viagem à Europa, como prêmio da principal competição proposta pela instituição. História, Mitologia, Literatura, Anatomia, Geometria e Perspectiva reforçavam o aprendizado do domínio do desenho e da formação do artista.

Os artistas Pedro Américo com Estudo de figura para Batalha do Avaí, Almeida Junior com Estudo de nu masculino e a pintura Tarquínio e Lucrecia; Rodolpho Bernardelli e o Estudo de dorso masculino; Virgílio Maurício com *Après le rêve* (Depois do sonho); Oscar Pereira da Silva e *L'enlèvement de Psyqué* (O rapto de Psiquê); Anita Malfatti e *Femmes d'Alger dans leur appartement* (Mulheres de Alger em seu aposento); Pedro Weingärtner e ceifa em Anticoli; Dario Villares Barbosa e Veneza; Alfredo Oliani e a escultura e o estudo para o Pão; Georg Grimm, Rua Túnis; Giovanni Batista Castagneto, Tarde em Toulon; Arthur Timótheo da Costa, No Ateliê; são os destaques desta sala.

Sala 6 – Os gêneros de pintura

Nesta grande sala apresentam-se artistas brasileiros dos quatro gêneros propostos pelo ensino acadêmico – natureza-morta, paisagem, retrato e pintura histórica. Com acalorados debates e sem consenso, a Academia estabeleceu uma hierarquia entre esses gêneros: os artistas realistas, presos à aparência das coisas do mundo, como a natureza morta e a paisagem, ocupavam o lugar mais baixo nessa hierarquia, entendiam os acadêmicos que estes gêneros exigiam menor esforço imaginativo do artista. Apesar deste entendimento, o retrato vinha logo acima da paisagem.

A pintura histórica, narrativas mitológicas ou religiosas e de acontecimentos históricos, as passagens literárias e as composições alegóricas, ocupavam o topo da hierarquia. Esta era a

grande oportunidade para um artista demonstrar sua erudição, tão importante na formação do artista quanto habilidade técnica e sua capacidade de invenção. Neste gênero, o artista deveria articular figuras humanas, uma série de personagens em cena, na composição de uma narrativa e demonstrar conhecimento dos costumes da época representada, para tornar sua obra convincente do ponto de vista histórico.

Cabe ressaltar os artistas: Pedro Alexandrino e as pinturas: Bananas e metal (c.1900), Ostras e cobres (1899) e Aspargos (c. 1900); Pedro Américo e as pinturas: visão de Hamlet (1893), Fausto e Margarida, do último quarto do século XIX, Autorretrato (1893) e Retrato do Visconde de Santo Amaro ((1878); Rodolpho Amoêdo e seu Estudo para Jesus em Cafarnaum (1885); Almeida Júnior com estudo para Fuga da Sacra Família para o Egito (c.1881) e, Estudo para Partida da monção ((1897); Oscar Pereira da Silva e a obra Infância de Giotto (1895); Benedito Calixto, Proclamação da República (1893); Eliseu Visconti as obras: A providência guia Cabral (1900) e Autorretrato (1910); Estevão Silva, com as obras: Natureza morta: uma de 1888 e outra de 1889 Retrato de Castagneto (1885); Antonio Parreira com Ventania (1888) e Baía Cabrália (1900); João Baptista da Costa, Petrópolis (c. 1914); Arthur Timótheo da Costa e Autorretrato (1908); Georgina de Albuquerque, Dama (1906); Karl Ernst Papf e a pintura Crianças (1886).

Sala 7 – Realismo Burguês

No final do século XIX, os métodos, temas e, sobretudo, o compromisso com uma concepção ideal de beleza, de origem greco-romana, começam a ser questionados. No Brasil, os artistas assumem o compromisso com uma representação realista do cotidiano e das condições de vida das classes sociais, que viviam nos centros urbanos. Os quatro gêneros propostos pelo ensino da Academia: natureza-morta, paisagem, retrato e pintura histórica dão lugar a cenas de interiores domésticos, a representação de dramas morais, ressalta-se, também, a vida simples do mundo rural.

Ao mesmo tempo, verifica-se no Brasil a formação de uma nova classe média urbana, que surge como público potencial de consumidores de arte. Esta nova classe substitui a Igreja e o governo monárquico do período colonial como a principal promotora das artes. É inevitável que este novo mecenato imponha seu gosto e valores à arte acadêmica. A figura da mulher ganhou destaque e surgem representações de conteúdo, tanto erótico quanto pinturas que exaltam a virtude e a correção do comportamento feminino. Neste período, a partir de São Paulo, ganha projeção uma nova geração de pintores, que passaram pela Academia do Rio de Janeiro. Esta sala reúne obras desta geração, revelando a consolidação de um gosto tipicamente burguês na arte brasileira. Entre eles cabe ressaltar: Eliseu Visconti, Maternidade (1906); Oscar Pereira da

Silva, Escrava romana (c.1894); Pedro Alexandrino, Pedro Weingärtner, La faiseuse d'anges (a fazedora de anjos), 1908; e, principalmente, Almeida Junior, Leitura (1892) e Saudade (1850).

Sala 8 e 9 – Das coleções para o museu

Estas salas, localizadas após a *Sala de Interpretação*, tratam da formação da coleção da Pinacoteca e das diferentes maneiras pela quais uma obra passa a fazer parte do acervo. Reúnem obras de coleções paulistas oferecidas em doação à Pinacoteca ao longo de sua história. Destacam-se as doações da Família Azevedo Marques (1949), da Família Silveira Cintra (1956) e de Alfredo Mesquita (1976/1994). Estas coleções refletem a consolidação de um público apreciador e consumidor de arte, grupo social enriquecido pelas lavouras de café, que buscava modernidade, refinamento cultural e projeção social.

As obras expostas não apresentam uma temática comum. Encontramos obras bem distintas entre si, de artistas estrangeiros e brasileiros, dentre os quais, destacam-se: Souza Pinto, Le baquet bleu (O balde azul), 1907; Ernest Ange Duez En repos (Descanso), 1891; Paul Michel Dupuy, Praia de Biarritz, 1913; Georgina de Albuquerque, No Cafezal (c.1930), Santi Corsi, Sala de Saturno do Palazzo Pitti, (c.1920); Pablo Salinas, As festas romanas do Coliseu, década de 1900; Auguste Rodin, Torse masculin du Baiser (Torso masculino do Beijo) (c. 1886) e Torse de l'ombre (Torso da Sombra) (c.1880). Analisando estas obras, pode-se concluir que elas exemplificam a persistência de um gosto mais tradicionalista e de acentuado gosto francês no ambiente de São Paulo até o início do século XX.

Sala 10 – Um imaginário paulista

Qual a imagem que São Paulo busca projetar sobre si a partir do final do século XIX? Esta sala propõe uma reflexão sobre esta questão. Observando as obras expostas, notamos vários elementos que se destacam: o homem e a mulher do campo, os grupos de imigrantes, as paisagens que mostram a cidade em desenvolvimento, os prédios e algumas ruas, como a 25 de março em 1894. Conclui-se que elas refletem as grandes transformações que a cidade de São Paulo vivenciou, impulsionadas pelo desenvolvimento econômico, que alteraram sua aparência. A cidade adquiriu feições européias, nota-se o gradativo desaparecimento da arquitetura colonial, tema que despertou o interesse dos pintores paulistas, caracterizando certo saudosismo. Um bom exemplo desta questão são as telas em que Almeida Junior dedica ao caipira paulista exaltando o passado rural e uma raça mestiça de bandeirantes e índios, que resistem a estas transformações. Assim, nesta sala, as obras expostas, ao mesmo tempo em que

propõem uma tipificação do caipira paulista, mostram a transformação da paisagem urbana de São Paulo.

Cabe destacar: Almeida Junior: O violeiro (1899), Amolação interrompida (1894); Luiz Gualberto Estação da Luz, década de 1930; Augustín Salinas y Teruel: Festa escolar no Ipiranga (1912); Antonio Ferrigno: Rua 25 de março (1894); Antonio Rocco Os emigrantes (c.1910); Galileu Emendabili A doação para São Paulo (c.1934).

Sala 11 – O nacional na arte

Como definir uma arte genuinamente brasileira? Quais as características de uma arte nacional? Esta sala destaca estas questões, presentes em nosso campo cultural desde a criação da Academia Imperial de Belas Artes (1826). Aqui a arte deveria orientar-se por temas próprios de nossa história e basear-se nos padrões de beleza estabelecidos como universais. A natureza e o Indígena são aspectos indispensáveis. Para Mário de Andrade “dar uma alma ao Brasil” era a ambição e o compromisso dos artistas do modernismo paulista, retomando questões ligadas à identidade nacional. O mestiço toma o lugar do indígena e Almeida Junior, em São Paulo, vê no tema dos caboclos o início de um projeto de pintura nacional.

Reunindo obras de diferentes períodos, merecem destaque nesta sala: Almeida Júnior, Caipira (1893); Rodolpho Bernardelli, Peri (1897) e Iracema (1897); Anita Malfatti, Tropical (c.1916); Candido Portinari, Mestiço (1934); Lasar Segall, Emigrantes III (1936).

Referências

AYERBE, Júlia Souza; **PICCOLI**, Valéria; **HANNUD**, Giancarlo (Coord.). **Arte no Brasil**: uma história na Pinacoteca de São Paulo, guia de visitação. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2011.

LIMA, Anny Christina; **CHIOVATTO**, Mila Milene (Coord.). **Arte no Brasil**: uma história na Pinacoteca de São Paulo, guia de visita: propostas educativas. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2011.